

## O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR COMO MOBILIZADOR DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS SOCIOCULTURAIS

### EL ROL DE LA BIBLIOTECA ESCOLAR COMO MOBILIZADOR DE PRÁCTICAS EN ALFABETIZACIONES SOCIOCULTURALES

**Rita de Cassia Brêda Mascarenhas Lima**

Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade Federal da Bahia  
rbredalima@yahoo.com.br

**Dinéa Maria Sobral Muniz**

Universidade Federal da Bahia  
sobraldm@ufba.br

#### **Resumo**

Os estudos sobre a contribuição da Biblioteca Escolar para a formação de leitores e como espaço mobilizador de práticas de letramentos socioculturais vêm se avolumando nos últimos tempos. Como a formação de leitores proficientes é uma responsabilidade da escola, na condição de principal agência de letramento, carece, nos dias atuais, haver uma centralidade no debate sobre o modo e as práticas de letramentos que, tanto o espaço da sala de aula, como a biblioteca escolar precisam assumir com vistas a ressignificar a aproximação dos jovens ao livro como objeto cultural. Com o objetivo de conhecer a realidade e as condições de funcionamento das Bibliotecas Escolares da rede estadual de Feira de Santana, na Bahia, e as percepções de professores e alunos sobre esse equipamento pedagógico na formação leitora dos alunos, a pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, está ancorada na História Cultural e nas Histórias de Leitura (CHARTIER, 1994; MANGUEL, 1997; STREET, 2010-14; BESNOSIKETC, 2015 etc) e utiliza como método de coleta de dados entrevistas narrativas, grupos de discussão e diário de campo. A pesquisa, em andamento, vem revelando as singularidades da cultura e dos cotidianos escolares, e alguns aspectos

têm nos chamando à atenção, pois a realidade atual se contrapõe à de duas ou três décadas atrás. A presença de um acervo qualificado não é mais uma realidade distante, fato atribuído às políticas públicas de leitura instituídas desde o final da década de 80 do século passado. Entretanto, ainda é tímida a cultura escolar de articulação por parte dos sujeitos que assumem o fazer pedagógico.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar. Letramentos socioculturais. Práticas pedagógicas. Formação do leitor.

### **Resumen**

Los estudios sobre la contribución de la Biblioteca de la Escuela para la formación de lectores, como espacio estimulador de alfabetizaciones prácticas socioculturales, están creciendo en los últimos tiempos. Desde la formación de lectores competentes la responsabilidad de la escuela como organismo coordinador de alfabetización, debe ser dar centralidad al debate sobre la experiencia y las prácticas de alfabetizaciones, tanto en el espacio del aula como la biblioteca escolar, con el fin de replantear, el enfoque de los jóvenes con el libro como objeto cultural. Con el fin de conocer la realidad y las condiciones de trabajo de las bibliotecas escolares del estado de Feira de Santana, Bahía, y las percepciones de los profesores y estudiantes en este equipo educativo, en la formación de los estudiantes, la investigación cualitativa e inspiración etnográfica que está anclado en la historia cultural y en las historias de lectura (CHARTIER, 1994; MANGUEL, 1997; STREET, 2010-14; BESNOSIKETC, 2015 etc). Se utiliza como método de recopilación de datos entrevistas narrativas, grupos focales y diarios de campo. La investigación en curso está revelando la singularidad de la cultura y la escuela y algunos aspectos nos llaman la atención debido a que la realidad actual es opuesta a la de hace dos o tres décadas. La presencia de una colección calificada ya no es una realidad lejana, se atribuyó a las políticas públicas de la lectura establecida desde el final de la década de los 80, del siglo pasado. Sin embargo, todavía esta apocada la cultura escolar de articulación por parte de los sujetos que asumen el rol pedagógico.

**Palabras clave:** Biblioteca escolar. Alfabetizaciones socio-culturales. Prácticas pedagógicas. Formación del lector.

## **1. Introdução**

*O livro me ajudou a construir o olhar que lanço sobre os outros, sobre mim e sobre o mundo.*  
Goulemot (2011, p. 09)

O que efetivamente buscam os alunos quando adentram o espaço da Biblioteca Escolar? É possível imaginar, no espaço da escola pública, uma biblioteca escolar em pleno funcionamento? Esses são alguns questionamentos que vêm nos desafiando ao longo da pesquisa de doutorado, inserida no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como objeto as Bibliotecas Escolares da Rede Estadual de Ensino do município de Feira de Santana, na Bahia.

Não são poucos os estudos e pesquisas que vêm se ocupando desse objeto. Afinal, estando, nós, em pleno século XXI, para muitos o século do conhecimento, não é tarefa fácil aceitar com tranquilidade que as escolas, como principais agências de letramento, não priorizem o espaço da biblioteca escolar como centro difusor de informações e cultura.

Em uma breve imersão na história das bibliotecas escolares no Brasil, é possível afirmar que, dos primeiros séculos de colonização até meados do século XVIII, a instituição de bibliotecas no cenário educacional foi oriunda das contribuições das instituições religiosas. Mas, com a

decadência das Bibliotecas Conventuais e a rigorosidade da censura estabelecida no Brasil, até o final do século XVIII, o acesso ao livro e a outras fontes de informação impressas só foi regularizado a partir de 1810, com a instalação da Biblioteca Real, na cidade do Rio de Janeiro [...] (MAROTO, 2009, p.47).

Esse cenário possibilita-nos intuir que a história das bibliotecas escolares no Brasil ainda é recente e, não sendo priorizada em nossa formação educacional, sofreremos ainda hoje com a falta de valorização e, talvez, de reconhecimento do seu papel propulsor na formação de uma sociedade mais cidadã e de pessoas mais autônomas.

A pesquisa, em andamento, anseia revelar as nuances da cultura e do cotidiano escolar que colaboram, ou não, para a consolidação de práticas de letramentos socioculturais nos espaços das bibliotecas escolares e, assim, contribuir com os estudos que discutem o binômio práticas pedagógicas e biblioteca escolar, haja vista ser essa uma demanda crescente, principalmente pelos resultados, ainda baixos, atingidos pelos alunos brasileiros nas provas que medem as habilidades de leitura, escrita e compreensão textual.

Os resultados apresentados ainda são parciais, posto que a pesquisa se encontra na fase de vivência nos cotidianos escolares e na realização de entrevistas e grupo de discussão sobre

as percepções de alunos e professores no que se refere ao papel da Biblioteca Escolar (BE) na formação leitora dos alunos e as atuais condições de funcionamento desse equipamento pedagógico.

## 2. O lugar da biblioteca no espaço da escolar

*Todo bom leitor teve na sua história de leitura alguém mais velho, que o iniciou no amor aos livros.* Mindlin (2009, p.20)

As discussões sobre a forma como o espaço da biblioteca escolar devem ser compreendidas dentro da arquitetura escolar vêm ganhando corpo, principalmente pelos estudiosos que buscam articular o binômio biblioteca escolar e práticas educativas.

Sanches Neto (1995, p. 31), no artigo intitulado *Desordenar uma biblioteca: comércio e indústria da leitura na escola*, nos convoca a pensar que “A biblioteca não pode ser vista como um lugar secundário do estabelecimento escolar. Ela é o cerne do ensino e como tal deve ocupar uma localização privilegiada”. Esse debate ganha força, principalmente, quando percebemos que, na grande maioria das escolas públicas, o espaço da biblioteca escolar não é incluído na arquitetura da escola. A instituição da biblioteca no cenário educacional vai acontecendo ao sabor dos desejos e interesses manifestados pelos gestores escolares, que podem priorizar, ou não, a existência ativa desse espaço.

No caso de Feira de Santana, nas escolas foco da pesquisa, o que vem sendo desenhado é uma presença muito tímida da BE no cotidiano e na cultura escolar. Tomamos neste texto o conceito de cultura escolar defendido por Dominique Julia (2001, p.10) como sendo o “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Buscamos, assim, conhecer o lugar reservado dentro das escolas para o funcionamento da BE e compreender as práticas de leitura que são planejadas para a formação de leitores, pois, como afirma Mindlin, é preciso iniciação ao mundo da leitura. Em nossa compreensão, o lugar destinado ao funcionamento da BE, suas práticas ou ausências, já revelam um *modus operandi* da escola quando o assunto é articulação entre as práticas pedagógicas e biblioteca escolar/formação do leitor.

Ao adentrar a escola, percebemos que, normalmente, a BE fica distante dos espaços de maior circulação dos alunos e, na sua grande maioria, trancada. Não é difícil encontrá-la em

final de corredor, em salas localizadas na área externa da escola, como também fechada por grades e cadeados, sem falar do espaço em que deveria funcionar uma biblioteca escolar e que funciona como depósito de cadeiras, livros didáticos (milhares deles), computadores e outros equipamentos em desuso. Então, é possível pensarmos que, para estas instituições, “os comportamentos e as condutas inculcadas” nos jovens alunos quando o assunto é leitura são de descaso ou indiferença do papel social, político e estético da leitura na vida formativa dos sujeitos.

Estando fechada a biblioteca dia após dia, torna-se comum aceitar a ideia de inexistência desse espaço. Mesmo que ele exista, cristaliza-se a ausência, naturaliza-se a falta e, se tomarmos ao pé da letra a afirmação de Umberto Eco (1994, p. 34) de que “todo texto é a uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”, entendemos que o ato de ler precisa ser acionado, ensinado, mobilizado e, não o sendo, a máquina continuará preguiçosa. Por quanto tempo? Eis a questão!

São inúmeros os problemas elencados pelos gestores quando o assunto é biblioteca escolar. Muitos atribuem, como causa prioritária para o não funcionamento, a ausência de funcionários específicos para atuarem nesse espaço. Faltam bibliotecários de formação na rede estadual, e há dificuldade de remanejamento dos funcionários que são contratados por empresas prestadoras de serviços ao estado<sup>1</sup> para assumirem tarefas na biblioteca. Entre outras dificuldades apontadas, está a nítida falta de articulação entre as atividades desenvolvidas pelos professores, das mais variadas áreas, e a potencialidade inerente ao acervo disponível na biblioteca. Essa dicotomia pode ser entendida quando os gestores falam da falta de sensibilização dos professores quando o assunto é leitura. Para uma das gestoras entrevistadas, o desafio a ser enfrentado é “encantar o professor para a leitura”:

A pessoa precisa ser encantada para, depois, encantada para a docência, ela tem que continuar encantada para encantar meu aluno e esse é o meu maior esforço para 2016 [...] eu tenho alguns alunos que já foram contaminados pela leitura, mas eu **não tenho os meus professores todos encantados pela leitura**, e isso está me incomodando. (Trecho da entrevista com profa. FAA – grifo nosso).

A fala da gestora sugere a necessidade de reflexão sobre as políticas de formação docente, principalmente, no tocante à formação de professores leitores, haja vista que, nos currículos de formação de professores, as oportunidades de encontro com o texto literário na

perspectiva da experiência estética, do gosto e do encantamento são diminutas. Sendo assim, há que se pensar o espaço da escola também como espaço formativo, como espaço de trocas e aprendizagens e, quiçá, como defende Chartier (1994), como comunidades de leitores. Besnosik (2015) afirma que “a presença do livro não significa a existência do leitor. Há todo um trabalho que precisa ser realizado para que os livros saiam das estantes e comecem a povoar a vida dos sujeitos”.

Assim como a presença do livro não garante a formação de leitores, Arena (2009) também considera que:

[...] não bastam espaços e livros guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar; não são os objetos físicos que dão a ela a existência e a vida; nem é somente com eles que o diretor pode afirmar que há biblioteca na escola. O seu estatuto, como lugar dos livros ou de biblioteca, é conquistado pela existência das relações entre alunos, livros, professores de biblioteca e professores de salas de aula. (2009, p. 162-163)

Diante de tal realidade, alguns questionamentos, como: o que pensam os professores da educação básica da rede estadual de Feira de Santana sobre o papel da biblioteca escolar na formação leitora dos alunos? A biblioteca disponível atende às expectativas dos alunos? As práticas de letramento socioculturais empreendidas no espaço escolar e da biblioteca vêm contribuindo para a formação de leitores? Esses são questionamentos que ainda pretendemos responder ao longo da pesquisa.

Mas, voltando para foco, o município de Feira de Santana, este possui 76 escolas vinculadas à rede estadual de ensino. Destas, 09 estão na zona rural, e 67, na sede do município. Depois de realizado todo o mapeamento sobre a existência ou não de bibliotecas escolares, é possível afirmar que apenas 18 dessas instituições possuem bibliotecas em funcionamento. Para classificação em biblioteca em funcionamento, tomamos como parâmetro a existência de funcionários, mesmo não sendo bibliotecário de formação, que assumem abrir a biblioteca ao público interno (alunos, professores e demais comunidade escolar) ou para a comunidade circunvizinha, por, pelo menos, um turno. Não é uma concepção ingênua a da nossa parte em instituir esse critério para eleger se a BE está ou não em funcionamento. Temos clareza de que não basta abrir a BE, tampouco considerá-la como BE apenas porque a escola dispõe de um acervo mínimo por aluno, conforme prevê a Lei 12.244 de 24 de maio de 2010<sup>ii</sup>, que prevê em seu Art. 2º.

*Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura. E no seu Parágrafo único define que Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.*

Em nossa concepção, apenas assegurar a presença de um acervo mínimo no ambiente escolar nem sempre garante que este se torne vivo e cumpra efetivamente seu papel de mobilização e ampliação de saberes.

Para Sanches Neto (1995),

Não pode ser esquecido que a biblioteca escolar tem uma função muito específica. Devemos redefinir o seu conceito tradicional de arquivo. Na escola, ela não tem a tarefa de catalogar e preservar livros. Não é um santuário onde devemos entrar em silêncio. É, isto sim, um labirinto vivo, palco e cenário de destinos múltiplos. Cada um deve percorrê-la da sua forma. (pp. 31-32)

E tomando essa ideia de biblioteca como um “labirinto vivo, palco e cenário de destinos múltiplos”, voltamos à discussão sobre o destino que as bibliotecas escolares vêm assumindo no interior das escolas. Não enfatizaremos as angústias que nos causam quando adentramos as instituições formais de ensino, percebidas, logo pelo tom de acolhida do gestor, quando este se antecipa em dizer “não há muito o que se ver aqui. Infelizmente não temos uma biblioteca funcionando”. Mesmo sendo recorrente em muitas visitas realizadas, queremos visibilizar outras realidades, que a contrapelo desse cenário tão comum, vêm se esforçando para tornar a BE um espaço que imprima, nas histórias de leitura dos alunos, outras experiências de práticas de letramento socioculturais.

### **3. Práticas de letramentos socioculturais**

*Ler é sempre uma atividade cujos resultados são imprevisíveis. [...] Sanches Neto (1995, p.1)*

A concepção de letramento sociocultural que baliza nosso trabalho se ancora nos estudos sobre letramento desenvolvidos por Street (2010, 2014). Neles, Street (2010, pp. 36-37) apresenta dois modelos de letramento. O *modelo autônomo* “presume que o letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do

contexto”. Acerca desse modelo, Kleiman (1995, p. 21) afirma que “há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que casualmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social”. E o *modelo ideológico*, defendido pelo autor por entender que “não é só um modelo cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessas ideias”, assim como afirma que “as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (*apud* Kleiman, 1995, p. 21).

Nesses estudos, busca-se compreender o letramento como prática social e plural e entender que os sujeitos se formam a partir de inúmeros eventos de letramento<sup>iii</sup>. Parte-se da compreensão de que as relações tecidas diuturnamente nos variados espaços formativos se interconectam e se imbricam na constituição do modo de ser e de fazer dos sujeitos. Pautado nessa ideia, compreendemos que as experiências e práticas desenvolvidas no íterim das escolas são eventos de letramento que podem colaborar na constituição tanto do aluno cidadão quanto do aluno leitor.

Tecendo um olhar sobre o cotidiano escolar pesquisado, percebemos que, nas 18 escolas em que encontramos a BE em funcionamento, as realidades são bem diferenciadas. Há escolas que apenas mantêm abertas as BEs com intuito de garantir aos alunos mais um espaço de realização de tarefas escolares. Outras conseguem, por meio de empréstimo do acervo, propiciar uma aproximação dos alunos com os livros disponíveis. E temos ainda, em número menor, a BE como um espaço vivo, fomentador de trocas e empréstimos de livros, com uma programação sociocultural que contempla Debates, Conversa com Escritores, Cafés Filosóficos e Tertúlias Literárias<sup>iv</sup>.

Quando há interconexão entre as ações propostas pela BE e as demais práticas educativas todos saem ganhando. Estamos nos referindo à consolidação de uma proposta pedagógica mais consistente, de formação humana e política de todos que compõem a equipe da escola e da relevância social que a escola passa a ter para a comunidade a qual atende. A escolha por desenvolver um trabalho de leitura que prime pela participação articulada e irrestrita de todos que compõem a escola vem fazendo dos encontros ou cafés filosóficos, promovidos por uma escola pública visitada, momentos de grandes aprendizagens pedagógicas e humanas. Os cafés filosóficos são organizados por alunos dos anos finais da educação básica, sob a orientação de professores de filosofia da escola. Segundo *folders*

distribuídos pelos coordenadores da atividade, o objetivo é basicamente “proporcionar pausa para pensar e discutir educadamente, temas do universo filosófico, sem carga de erudição e obscurantismo muitas vezes associado à filosofia”. Como a atividade prevê a participação de todos, que assim o desejarem fazer, o momento é cuidadosamente organizado e, nas palavras dos organizadores, “o que anima o café filosófico é um enorme gosto pela discussão educada e pelo confronto intelectual entre pessoas reais. Faz nos sentir únicos, despertados, numa palavra, vivos!”.

Segundo Chartier (2001, p.20), “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”. E, nesta experiência compartilhada, neste belo exemplo de uma prática de letramento sociocultural, realizada no espaço de uma biblioteca escolar, é possível reafirmar o quanto de simbólico pode ser agregado às histórias individuais e sociais de leitura dos envolvidos. Os alunos vão se constituindo leitores perspicazes, quando, mediante as práticas coletivas de leitura, inferência, interpretação e reelaboração do texto lido, vão atribuindo saberes e descobertas propiciadas pelas denominadas práticas de sociabilidades defendidas por Chartier.

Prigol (2010, p. 19-20), em sua obra *Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários*, afirma que “cada livro nos coloca em experiência com o outro e isso nos ajuda a nos vermos, nos narramos, nos expressarmos, nos encontrarmos, ou, em outras palavras, a partir da experiência com os sujeitos dos textos, parece que nos tornamos um pouco mais autores de nossas vidas”. Por meio das leituras realizadas e dos debates empreendidos, alunos e professores mobilizam saberes, intercambiam experiências, tornam-se mais autônomos e veem o mundo por múltiplas faces. As Tertúlias Literárias, como práticas leitoras e, mais especificamente, como uma prática sociocultural de letramento, se ancoram nos princípios do respeito à opinião e às crenças do outro; no reconhecimento e na valorização do debate coletivo e no crescimento mútuo, logo, os sujeitos passam a ser autores da própria vida.

Em relação ao espaço da biblioteca escolar como mobilizador de práticas de letramentos socioculturais, reafirmamos que não basta o espaço físico, cuja existência é fundamental; é preciso criar estratégias de mobilização e dinamização do acervo, é preciso conhecer as demandas, os gostos e interesses do público, é preciso oferecer de forma competente seu melhor produto cultural (livros, filmes, documentários etc.). Não podemos

desconsiderar que o livro como objeto cultural nem sempre esteve acessível a grande parte da população, o que redobra para a escola a responsabilidade de oferecer e assegurar à população não apenas o encontro com o livro, mas a competência de ler, reler, interpretar e atribuir sentidos, pois, como afirma Certeau (2007, p. 266), “o texto só tem sentido graças aos leitores”.

A leitura, como afirma Cordeiro (2014, p. 20), tem “uma história diferenciada que se faz e se desenvolve em formas diversas e em épocas distintas da sociedade”. Portanto, as histórias de leitura individuais e sociais também são tecidas nesses emaranhados de idas e voltas que a vida dá e, por saberes, sabores e experiências que nos são ofertados ao longo da vida. Portanto, os sentidos que atribuímos ao que lemos, ao que vemos e ao que experienciamos se amparam na assertiva de que a leitura é eminentemente uma prática social e cultural. Logo, comungamos com Muniz e Rios (2007, p.186) quando afirmam que “todos os seres humanos podem se transformar em leitores da palavra e dos outros códigos que expressam a cultura, mesmo porque, sendo sujeitos de linguagem, carregam consigo o potencial de significar o mundo”.

Ao tratar da importância da leitura, é preciso ficar claro que o ato de ler é complexo e exige do leitor empenho, esforço, concentração e habilidades que perpassam pela intertextualidade, seleção, antecipação, inferência e verificação. Portanto, é preciso desconstruir a ideia, muitas vezes difundida, de que a leitura é sempre prazer. Segundo Sant’Anna (2011, p. 15), “A afirmativa ou a noção de que a leitura é (ou deve ser) sinônimo de prazer não é apenas limitadora. É enganosa. Pode funcionar em alguns casos, mas não abrange a diversidade de experiências em face da leitura”. E sendo assim, é papel primordial da escola e dos seus diversos espaços formativos, prioritariamente a biblioteca, oportunizar experiências leitoras as mais variadas.

Acerca desse papel social da escola na formação de alunos leitores competentes socialmente, defende Cunha (2014, p. 44) que:

O papel da escola, na atualidade, é refletir o dialogismo, não isento de conflitos, polifonias em relação aos enunciados, textos, discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas por essa agência, para que a escola possa formar cidadãos democráticos e protagonistas, que sejam multiculturais em sua cultura e discursivamente eficientes.

Assim, as práticas de letramentos socioculturais, neste caso específico com o texto literário, se inscrevem no cotidiano escolar como ricas oportunidades de apropriação da leitura como objeto cultural e como experiência estética. E assim, o leitor vai aos poucos construindo a sua trajetória, fazendo as suas escolhas e escrevendo a sua história de leitura.

#### **4. Letramento e formação do leitor**

*O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida.* Petit (2009, p. 154)

Ao tratar de letramento e formação do leitor, é importante trazer à baila as contribuições de Cosson (2012); Paulino (2004); Besnosik (2015), entre outros, quando discutem a essencialidade de constar no cotidiano escolar a presença da literatura. Para Cosson (2012, p17), “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”. Não cabe uma defesa qualquer para a presença da literatura dentro da escola. Mas, reconhecendo que a literatura nos empodera, nos permite viver culturas e tempos variados, nos ajuda a conviver melhor com nós mesmos e com os outros e nos humaniza, como defende Candido (2004), nossa defesa é pela instituição de uma concepção de letramento literário como condição basilar para a escola retomar seu papel social de formar sujeitos mais humanos, mais sensíveis e mais autônomos e, conseqüentemente, contribuir no processo de formação do leitor.

A concepção de leitor que baliza nossas escolhas compreende o leitor como sujeito que constrói em coautoria o texto que lê, que interage e atribui sentidos e significados à mensagem lida, que agrega, ao texto que tem nas mãos, suas experiências, suas vivências e sua bagagem social, cultural, política, ética e emocional. O ato de ler é simultaneamente um ato singular e plural. Singular, pois cada sujeito, de forma intransponível, elabora e sedimenta os saberes segundo as próprias crenças, construções e idiosincrasias; e plural, pois os sujeitos vivem em sociedade, logo interconectam e aprendem uns com os outros diuturnamente. Como diz o poeta Gonzaguinha, “toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”.

Ainda no que tange ao papel da literatura na constituição individual e social dos homens, afirma Cosson:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (2012, p. 17)

A experiência oriunda das visitas e vivências nos espaços das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino no município de Feira de Santana vem revelando uma baixa procura aos textos literários pelos alunos. Acerca dessa realidade, algumas indagações precisam ser feitas. O que tem provocado essa baixa procura? O acervo disponível nas bibliotecas escolares é compatível com os interesses dos alunos? Há, por parte dos professores/mediadores de leitura, investimento em oportunizar estratégias de aproximação dos alunos com o texto literário? E, paralelo às indagações, alertam Silva, Ferreira e Scorsi (2009, p. 55) sobre a necessidade de “escutar mais os leitores de carne e osso que temos diante de nós. Não apenas acerca das histórias que leram ou estão lendo, mas a respeito de si mesmos e de sua vida, de seu itinerário como pessoa”. Afinal, estamos diante de novos desafios quando o assunto é a formação de leitores. Não nos basta afirmar que hoje as bibliotecas escolares contam com um acervo razoável de literatura nacional e estrangeira, fruto das Políticas de Formação de Leitores instituídas pelo Ministério da Educação. É preciso descortinar os cotidianos das BEs na tentativa de conhecer como efetivamente vêm sendo as práticas de letramentos socioculturais oportunizadas pela principal agência de letramento, que é a escola.

Os leitores de hoje, digitais, virtuais, multidinâmicos, internautas, diferem dos leitores de “ontem”. As demandas, os gostos, as procuras e os interesses não se assemelham aos leitores que as escolas estão acostumadas a ter. Assim, o desafio posto aos professores e à escola, como agência de letramento, é redefinir metas, expectativas, práticas e modos de ensinar e de ler.

Como afirma Petit, é preciso dar vida ao que se lê. É preciso dar vida aos livros, dar vida às práticas socioculturais, dar sentido ao espaço da biblioteca, é preciso tornar a leitura uma prática viciante, como afirmou uma das alunas, participante do Grupo de Discussão, ao se referir às práticas das Tertúlias Literárias:

O que a gente trabalha muito são os hipertextos. Se eu li um livro, aí ele faz referência a outro, aí eu quero ler, aí ele faz referência a outro, **eu quero ler, e isso é muito viciante**. E uma coisa que incentiva a gente a ler também é a relação professor-aluno, aqui, os próprios professores dão dicas, e a gente dá dicas aos professores. (grifo nosso)

## 5. Considerações Finais

*O verbo ler não suporta o imperativo.* Pennac (1993, p. 13)

Tematizar a relação entre o papel da biblioteca escolar e as práticas de letramentos socioculturais presentes no cotidiano escolar e nas itinerâncias formativas dos alunos é um desafio necessário quando elegemos a formação do leitor como foco de estudo e de pesquisa.

Reconhecemos que muitos são os escritores, professores, pesquisadores brasileiros e estrangeiros que atribuem à biblioteca a sua iniciação no mundo da leitura, das artes, da inserção social mais efetiva. Entretanto, a realidade brasileira vem nos mostrando como, a cada dia, mesmo com todos os investimentos oficiais de programas que visam inserir o livro nos espaços escolares, a exemplo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)<sup>v</sup>, Literatura em minha casa<sup>vi</sup>, ainda é muito tímida a presença articulada desse equipamento nas escolas brasileiras, em especial na rede estadual baiana, bem como é bem limitada a busca pelo espaço da biblioteca por grande parte da população brasileira.

Ao longo da trajetória como docentes do ensino superior das disciplinas Estágio Supervisionado e Formação do Leitor, do envolvimento em projetos de pesquisa e extensão e por vivenciar o espaço das escolas, como *locus* de acompanhamento das práticas de estágio e de extensão, percebemos a importância e o papel preponderante que a leitura pode exercer na formação e consequente inserção social dos sujeitos na sociedade contemporânea (CHARTIER, 2001; MANGUEL, 1997; DE CERTEAU, 2007; entre outros). Foi justamente daí que nasceu o interesse por pesquisar o cenário escolar, o cotidiano (condições de funcionamento), as práticas e percepções sobre o ambiente escolar e, mais precisamente, sobre a biblioteca escolar.

A pesquisa, em andamento, aponta a necessidade de uma imersão densa no cotidiano e na cultura escolar com intuito de desvelar as singularidades dos fazeres pedagógicos e as percepções sobre o papel das BEs na constituição leitora dos alunos.

O que nos move é acreditar que a leitura exerce uma necessidade vital, pois, como defende Manguel (1997, p.20), “Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é uma função essencial”. E tendo a leitura essa função essencial, nós, educadores, mediadores de leitura, assumimos um papel preponderante na consecução desse objetivo maior, que é tornar o aluno um sujeito leitor – um leitor que reconhece a essencialidade do papel da leitura na construção de sua própria identidade, logo, na escrita da sua própria história.

O espaço da biblioteca escolar pode ser, sim, um mobilizador de práticas de letramentos socioculturais, quando abre suas portas e propicia aos alunos experiências leitoras para além das tarefas obrigatórias solicitadas pela própria escola; quando oferece possibilidades de, através dos livros, mergulhar em outros mundos, outras realidades, outras culturas; quando torna seu espaço atrativo, vivo, pulsante e, acima de tudo, quando potencializa seu acervo para além de leituras instrumentais, ou seja, reconhece que a biblioteca pode ser o espaço de ligação dos sujeitos com o mundo impresso e o mundo digital.

As bibliotecas escolares precisam superar a visão simplista ou limitada de que a sua função é exclusivamente a de atender às demandas escolares. Essa é uma das dimensões da biblioteca escolar, mas não é exclusiva. A biblioteca, como centro de preservação da cultura humana, pode ainda assumir o papel de divulgação cultural e de produção de novas aprendizagens, pois, como afirma Petit (2009, p. 273),

Se existe um lugar propício aos desvios e aos encontros inesperados, é a biblioteca [...]. Ali, podemos experimentar uma relação com o livro que não se funda somente nas perspectivas utilitaristas da instrução, e nos abandonar a esses tempos de devaneio em que não se deve prestar contas a ninguém, nos quais se forja o sujeito e que, tanto quanto os aprendizados, ajudam a crescer e a viver.

## Referências

ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: O mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. Dinamização de acervos: de que acervos falamos. **Revista Digital – Cátedra UNESCO de Leitura – PUC-Rio**. In: [www.catedra.puc-rio.br/portal/formacao/publicacoes/revista\\_digital](http://www.catedra.puc-rio.br/portal/formacao/publicacoes/revista_digital), acesso em 18/01/2016.

- CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. In: Obras completas. 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; LIMA, Elizabeth Gonzaga de. (Orgs.) **Modos de ler: oralidade, escritas e mídias**. Curitiba: Arte & Letra, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, Úrsula Nascimento de Sousa. **Letramento escolar e cotidiano**. Análise de experiências sobre práticas de letramento à luz da crítica cultural. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.
- DOMINIQUE JULIA. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. No. 1; Jan./jun. 2001.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOULEMOT, Jean Marie. **O amor às bibliotecas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.
- MUNIZ, Dinéa Maria Sobral; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Histórias de leitura de alunos e alunas da roça. In.: MUNIZ, Dinéa Maria Sobral; SOUZA, Emília Helena P. M. de; BELTRAO, Lícia Maria Freire (Orgs.). **Entre textos, Língua e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). **Leitura literária – a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler – ou como resistir à diversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRIGOL, Valdir. **Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma Biblioteca: comércio e indústria da leitura na escola. In: **Revista Leitura: teoria e prática**. Campinas: ALB/Porto Alegre: Mercado Aberto, v.14, n. 26, pp. 30-34, dez. 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Ler o mundo**. São Paulo: Global, 2011.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In.: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas** – o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ª. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## Notas

---

<sup>i</sup> No estado da Bahia, não há concurso para cargos técnico-administrativos das escolas há pelo menos duas décadas. São poucas as escolas que ainda possuem servidores efetivos do estado atuando nas escolas. Em proporção de funcionários nas escolas, a média aproximada é de um efetivo para 15 contratados. Das 37 escolas visitadas, nenhuma possui mais do que três funcionários efetivos. E os que existem estão em vias de aposentadoria.

<sup>ii</sup> Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país.

<sup>iii</sup> Segundo Kleiman (1995, p.40) “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas”.

<sup>iv</sup> Na escola visitada, as Tertúlias Literárias são compreendidas como espaço de leitura e de debate que acontecem a partir de livros escolhidos pelos próprios alunos. Geralmente participam da atividade alunos, professores de várias áreas de conhecimento e gestores (direção e vice-direção). Entre alguns livros que já foram debatidos, estão: *A culpa é das estrelas*; *Extraordinário*; *O menino de pijama listrado*; *Os miseráveis*; *Alice no País das maravilhas*; *Olga*; *O diário de Anne Frank*, entre outros.

<sup>v</sup> O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Ver [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)

<sup>vi</sup> PNBE 2001 – Denominado “Literatura em minha Casa”, o acervo foi composto por seis coleções diferentes, cada uma com cinco títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. Pela primeira vez, as coleções foram entregues aos alunos para levarem para casa. A ideia do programa foi incentivar a leitura e a troca dos livros entre os alunos, além de permitir à família do estudante opção de leitura em casa. As escolas também receberam quatro acervos para sua biblioteca.

---

### Sobre as autoras

**Profa. Mestre Rita de Cassia Brêda Mascarenhas Lima.** Graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (1992). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2008). Doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia. Professora Assistente do Departamento de Educação da UEFS. Tem experiência na área de Educação, com formação de leitor, formação docente, prática pedagógica, práticas culturais de leitura, pesquisa e leitura. Membro do Núcleo de Leitura Multimeios da UEFS; membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING) da linha Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED- UFBA.

**Profa. Dra. Dinéa Maria Sobral Muniz.** Graduação em Letras (1970). Mestrado em Educação (1986) e doutorado em Educação (1999) pela Universidade Federal da Bahia. Professora Associada da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, leitura, desejo de ler, ensino-aprendizagem da língua oral, linguagem e ensino e ensino de língua materna. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING) - da linha Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED- UFBA.